

DO LATIM AO PORTUGUÊS: BREVE ABORDAGEM DA PROBLEMÁTICA DA TRADUÇÃO

*Ana Alexandra Alves de Sousa**

A tradução é um processo importante de criação literária na cultura ocidental e por isso parece-nos merecer uma reflexão.

Segundo Mounin a tradução moderna tende a respeitar, na medida do possível, a língua estrangeira nos vocábulos, nas construções e nas particularidades estilísticas. Preocupa-se também em não violar a língua para a qual se traduz, respeitando o espírito da língua original e aquele da língua em que se traduz, sempre mantendo-se fiel ao sentido do texto, sem adições, omissões ou alterações¹. Estamos perante uma definição ideal de tradução, que veremos se torna impraticável em muitos casos. O problema fundamental que se coloca ao tradutor consiste em reproduzir EXACTAMENTE o significado do original. Sobre esta problemática, se tem reflectido ao longo dos tempos, pois como diz Moroni «a tradução é antiga como o mundo»²; nos primórdios da Literatura Latina, por

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1 MOUNIN, *Teoria e storia della traduzione*, Torino, 1965, p. 23.

2 G. MORONI, «Per una introduzione alla problematica della traduzione artistica con particolare riferimento al Latino», in: *Papers on grammar* ed. by G. Calboli. Bolonha, 1986, p. 114.

exemplo, destaca-se uma obra, que nos chegou em fragmentos, e que consiste precisamente numa tradução (do Grego, é claro) — referimo-nos à *Odissia* de Lívio Andronico. Cícero no *De optimo genere oratorum* a respeito da tradução dos clássicos gregos tece a seguinte reflexão: *Conuerti ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis; nec conuerti ut interpres sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui.*³ Segundo o autor/tradutor o que importa é preservar *omne genus uerborum*, ou seja, o significado dos vocábulos (o valor denotativo) e o valor conotativo (*uim uerborum*). Aliás na *Arte Poética* Horácio também desaconselha veementemente o papel de *fidus interpres* que cuida em transpor palavra por palavra (*nec uerbo uerbum curabis reddere fidus/interpres*)⁴. Nestas afirmações estamos perante uma crítica à tradução literal, valorizando-se a tradução literária. As duas correntes têm sido defendidas alternadamente ao longo dos séculos: Chateaubriand traduziu o Paraíso perdido de Milton quase palavra por palavra; Goethe defendeu a célebre tese da tradução integral, procurando uma tradução que reproduzisse o significado do original e os elementos métricos e rítmicos⁵. Ezra Pound criticou esta atitude «we have long since fallen under the blight of the Miltonic or noise tradition, to a stilted dialect in translating the classics, a dialect wick imitates the idiom of the ancients rather than seeking their meaning, a state of mind which aims at 'teaching the boy his Latin' or Greek or whatever may be, but has long since ceased to care for the beauty of the original; or which perhaps thinks 'appreciation' obligatory, and the meaning and content mere accessories»⁶. Vários linguistas têm reflectido sobre este problema, Saussure (*Cours de linguistique générale*, Paris, 1960), Hjelmslev (*Prolegomena to a theory of language in: International Journal of American Linguistics* I), Bloomfield (*Language*, London, 1955), Sapir (*Language. An introduction to the study of the speech*, Nova Yorque, 1921), Whorf (*Language. Thought and reality*, Nova Yorque, 1958), Moroni (*op. cit.*). Actualmente verifica-se uma certa tendência para valorizar a fidelidade ao original, não descurando, contudo, a beleza

3 De *opt. gen. or.* 14.

4 Hor., *Ars poet.* 133-134.

5 Goethe, «Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des west-ös-tlichen Divans».

6 Ezra Pound, *Literary essays of Ezra Pound*. Londres, 1954, p. 232.

literária do texto original. Moroni fala em «belle fedeli». Porém, muitas questões se levantam quando se trata de traduzir os clássicos, devido à sua imensa riqueza cultural e literária e nem sempre se pode aceitar uma tradução *uerbum pro uerbo*, sob risco de se tornar risível. A título exemplificativo citamos alguns versos de Vergílio e de Séneca, que deixam bem claro a impossibilidade de uma tradução literal.

At non haec nullis hominum sator atque deorum
 obseruans oculis summo sedet altus Olympo. (*Aen.* 11, 725-6)
 Porém o criador dos homens e dos deuses observando estas coisas
 com olhos nulos está sentado alto no sumo Olimpo⁷.

Agnosco ueteris uestigia flammae (*Aen.* 4, 23)
 Reconheço os vestígios da antiga chama⁸

est mollis flamma medullas
 interea et tacitum uiuit sub pectore uulnus (*Aen.* 4, 66-7)
 uma chama devora-lhe as entranhas delicadas
 entretanto e uma ferida secreta vive no peito⁹

languescunt folio lilia pallido
 et gratae capiti deficiunt rosae
 os lírios com pétalas pálidas murcham
 e rosas adequadas à cabeça definham (*Sén. Phaedr.* 768-9)¹⁰

summum cacumen rorat expulso sale (*id.* 1027)
 a extremidade fica molhada com a água expelida¹¹

Vários problemas se colocam quando passamos um texto para outra língua. Primeiro, o facto de não existirem sinónimos perfeitos. O léxico latino apresenta formas diferentes de designar uma determinada realidade, sempre com matizes de significado intransliteráveis, a não ser por perífrases: por exemplo, *oppidum*, *urbs*, *ciuitas*, embora se traduzam da mesma forma, não são exactamente idênticos; tal como, *saltus*, *nemus*, *silua*, *lucus* ou *specto*, *uideo*, *cerno*, *intueor*, *perspicio*, *uiso*.

7 Seria preferível: Porém o criador dos homens e dos deuses observa isto/ não com olhos indiferentes no alto assento do excelso Olimpo.

8 Reconheço o queimar da chama antiga (trad. de Dr. Luís Cerqueira).

9 Uma chama devora-lhe continuamente o brando coração/ até à medula e no fundo do peito traz uma ferida secreta.

10 Tal como os lírios com descoloridas pétalas definham,/ e as rosas, próprias para grinaldas, murcham.

11 A crista das vagas goteja com os salpicos de espuma.

Em segundo lugar, o tradutor de Latim (ou Grego) tem de se integrar num outro mundo, no Mundo dos Clássicos, para poder compreender expressões como a de Fedra: *iterum, superbe, genibus aduoluo tuis*¹², é preciso saber, para compreender o verso, que o suplicante tocava ou invocava os joelhos porque se pensava que estes possuíam um princípio vital¹³. Como compreender os seguintes versos, se não se tiver presente o rapto de Europa por Júpiter?:

*Induit formas quotiens minores
ipse qui caelum et nebulasque ducit!
(...)
fronte nunc torua petulans iuuenus
uirginum strauit sua terga ludo,
perque fraternos, noua regna, fluctus
ungula lentos imitante remos
pectore aduerso domuit profundum,
pro sua uector timidus rapina. (Phaedr. 299-308)¹⁴*

E como compreender a seguinte fala de Fedra, se não se souber que Ariadne era irmã de Fedra e ajudou Teseu a sair do labirinto?

*Hippolyte, sic est: Thesei uultus amo
illos priores, quos tulit quondam puer,
cum prima pura puras barba signarat genas
monstrique caecam Cnosii uidit domum
et longa curua fila collegit uia.
(...)
Te, te soror, quacumque siderei poli
in parte fulges, inuoco ad causam parem:
domus soror una corripuit duas,
te genitor, at me gnatus. (Phaedr. 646-650; 663-666)¹⁵*

12 Uma vez mais me prostro a teus joelhos, homem orgulhoso (Phaedr. 703).

13 Pl. NH 11, 250.

14 Quantas vezes assumiu formas menores/ aquele que o céu e as nuvens rege! (...) agora lascivo touro, de frente ameaçadora,/ baixou o dorso num jogo de donzelas/ e através dos mares do irmão, domínios estranhos,/ usando os cascos como remos flexíveis,/ venceu o mar profundo, de peito contra as águas, transportando a sua presa.

15 Sim, Hipólito: amo os traços de Teseu,/ aqueles que ele teve outrora em rapaz,/ quando a primeira penugem lhe ficou marcada nas faces imberbes/ e viu a casa escura do monstro de Cnosos/ e recolheu o extenso fio pelo caminho sinuoso. (...) A ti, a ti, irmã, onde quer que no céu sideral/ tu refuljas, te invoco para uma causa semelhante./ Uma só casa arrebatou duas irmãs:/ a ti o pai, a mim, pelo contrário, o filho.

Aparentemente estes problemas ficam resolvidos com as notas de pé de página. O tradutor de Latim, que naturalmente possui estes conhecimentos, redige uma nota de forma a permitir ao leitor compreender o texto. Pois bem, primeiro, tem de determinar se o leitor deverá ou não conhecer o mito de Teseu e Ariadne. Se considerar tal informação desnecessária, corre o risco de tornar o texto inteligível apenas para alguns. Se optar por esclarecer sempre as alusões a outros mitos, arrisca-se a ficar com um sem número de notas que sempre sobrecarregam e interrompem a leitura — enfim, maçam o leitor.

Outro problema que se coloca ao tradutor de Latim é a questão dos níveis de língua. Toda a teorização literária da Antiguidade reflecte uma utilização dos estilos adequada aos géneros; Horácio critica: *Versibus exponi tragicis res comica non uult;/ indignatur item priuatis ac prope socco/ dignis carminibus narrari cena Thyestae./ Singula quaeque locum teneant sortita decentem./ Interdum tamen uocem comoedia tollit,/ iratusque Chremes tumido delitigat ore;/ et tragicus plerumque dolet sermone pedestri/ Telephus et Peleus, cum pauper et exul uterque/ proicit ampullas et sesquipedalia uerba,/ si curat cor spectantis tetigisse querella* (*Ars. poet.* 89-98; 231)¹⁶. Não se podem traduzir os géneros sublimes, Epopeia e Tragédia, como se traduz Comédia, o tradutor tem de ser sensível à grandiosidade do género e reflectir essa sublimidade na forma de se exprimir, evitando obviamente escolher um vocabulário ou um estilo demasiado arcaico que o leitor tenha dificuldade em perceber. Mas não se pode de forma nenhuma traduzir TRAGÉDIA COMO SE FOSSE COMÉDIA.

Esta questão articula-se com uma outra, — o estilo dos autores. Quaisquer tentativas no sentido de reproduzir todos pormenores estilísticos só conduzem a um exercício retórico forçado, destituído de beleza. O Latim tem declinações o Português não, logo há certas disposições intencionais de vocábulos, jogos de palavras que em

16 "Mesmo a comédia não quer os seus assuntos expostos em versos de tragédia e igualmente a ceia de Tiestes não se enquadra na narração em metro vulgar, mais próprio dos soços da comédia. Que cada género, bem distribuído, ocupe o lugar que lhe compete. Às vezes, todavia, levanta a voz a comédia e Cremete indignado ralha em tom patético; mais vezes, no entanto, as personagens trágicas, seja Telefo ou Peleu, em língua rasteira se lamentam, quando, na pobreza e no exílio, lançam frases empoladas, palavras de pé e meio, tentando comover pelo lamento o coração de quem os olha; «Mesmo sendo satírica a tragédia não deve tagarelar em versos levianos» (trad. do Prof. Doutor Rosado Fernandes, Editorial Inquérito, 1984).

Português não se conseguem reproduzir; por outro lado, figuras de estilo como a aliteração, o homeoteleuto, o quiasmo, a hipálage, que podem produzir um belo efeito no original, raras vezes se conseguem manter. Quantas vezes o Prof. Dr. Walter de Medeiros refere em notas, nas suas vivas e cheias de graça traduções de Plauto, essa impossibilidade de reproduzir em Português tais figuras. Por exemplo, a propósito de um verso de *Curculio* que o Prof. Dr. Walter de Medeiros traduz: «E, no entanto, ainda cá deixei na barriga lugar para uma despensazita, boa para abrigar os sobejos dos sobejos», diz: «no texto latino: *reliqui... locum, / ubi reliquiarum reliquias reconderem*» Com excepção do genitivo enco-miástico, fácil de reproduzir, perderam-se, na versão portuguesa, as alite-rações e o jogo etimológico»¹⁷.

Para imitar o mais possível o estilo de um autor, as figuras de estilo e o vocabulário que ele utiliza não incorramos no erro de traduzir, por exemplo, *superuacuum dextram* nos versos *Scilicet indomitos postquam stomachando lacertos/ barbara bellatrix inpenderit et iaculorum/ nube superuacuum lassauerat inrita dextram (...)* (*Psych.* 132-134) por «dextra supervácu» por o adjectivo também existir em Português; provo-caríamos certamente o espanto do leitor e de quando em vez obrigá-lo-famos a compulsar o dicionário para compreender certos passos. Fazer o leitor consultar constantemente o dicionário, devido à escolha de um estilo imbrincado e ao emprego de um vocabulário arcaico não me parece ser uma boa solução para traduzir os Clássicos.

Além disso, tratando-se da tradução de poesia, como dar a ideia do verso latino? Em Latim, o verso constitui-se com uma determinada sequência de longas e breves, em Português há métrica também e rima. Procurar uma ou outra significa meter o verso latino dentro de um «espartilho», pois haverá ideias que se perdem e outras que sairão forçadas. A solução será, em minha opinião, traduzir numa espécie de verso branco, sem métrica, procurando respeitar o equilíbrio do verso em Latim.

Moroni fala de «la necessità di conoscere non solo la lingua da cui se vuole tradurre (oltre, e più, quella in cui si deve tradurre), ma anche il contenuto, cioè la vita e la cultura del popolo che in quella lingua si esprime; in altre parole la filologia nell'accezione più completa del

17 *O Gorgulho*. INIC, p. 174, n. 150.

termine, intesa, in certo senso come etnografia del passato»¹⁸ Este conhecimento torna-se particularmente imprescindível quando nos referimos ao mundo clássico; contudo, também não basta, pelas razões atrás expostas. Se é lugar comum dizer que numa tradução sempre muito se perde do original, mais razão há em pensá-lo quando se trata de traduzir Latim ou Grego; não é por preguiça dos classicistas, estou convencida, que aparecem tão poucas traduções em Latim ou em Grego anualmente, enquanto nas outras línguas (inglês, francês, italiano, etc.) estão constantemente a surgir novos títulos traduzidos. Por um lado, há um maior número de pessoas a traduzirem essas línguas, por outro, e isto parece-me o fundamental, enquanto um romance nestas línguas se traduz num mês, uma obra em Latim ou Grego demora um ano ou dois a traduzir, se for pequena, porque se for grande pode levar muitos anos.

Se traduzir do Latim para o Português levanta tantos problemas (análise do léxico, estudo cultural, análise estilística), e como afirmou Dante, que era um poeta, «nulla cosa per legame musaico armonizzata si può de la loquela in altra transmutare senza rompere tutta sua dolcezza e armonia»¹⁹ torna-se possível traduzir se o tradutor tiver capacidade de compreender/sentir a poesia, se for sensível à beleza literária; em suma, é imprescindível que manifeste qualidades intuitivas para recriar poeticamente o texto, sobretudo, se trabalhar poesia; só o consegue se ele próprio for também um POETA.

¹⁸ *Op. cit.*, p. 114.

¹⁹ DANTE, *Convivio* 1, 7, 14-15.